

# Os nossos antepassados

## Integrar duas narrativas e expandir a terceira

Elena Beatriz Tomasel,<sup>1</sup> Porto Alegre

Resumo: A autora apresenta reflexões sobre a relevância da integração entre narrativas psicanalíticas e narrativas literárias e a ampliação de seus efeitos para a compreensão das narrativas sentidas e vividas nas sessões de análise e no desenvolvimento de um vocabulário singular para a comunicação da dupla. Usa o termo *interdigitação* entre psicanálise e literatura, cunhado por Meltzer, para se referir à integração entre o texto de Meltzer e a trilogia *Os nossos antepassados*, de Italo Calvino. No desenvolvimento das ideias, descreve duas vinhetas clínicas a fim de ilustrar alguns pontos abordados ao longo do texto.

Palavras-chave: literatura, psicanálise, Italo Calvino, Donald Meltzer, Wilfred Bion

### Italo Calvino e *Os nossos antepassados*: fábulas sobre cesuras mentais

Italo Calvino, na década de 1950, reuniu três fábulas em um único volume e lançou *Os nossos antepassados: O visconde partido ao meio* (1952), *O barão nas árvores* (1957), e *O cavaleiro inexistente* (1959). A leitura psicanalítica dessa trilogia nos conduz ao tema do dualismo humano, da separação do que antes fora uno (o ser intraútero, a mente primordial ou primitiva) e da conseqüente busca por integração dos aspectos cindidos. A obra, rica em metáforas e alegorias, remete-nos a um mundo de fantasias tornadas vivas, críveis e atuais, através do talento literário e da criatividade bem-humorada do escritor, que teve o cuidado de não sobrecarregar os protagonistas, distribuindo os aspectos clivados entre seus personagens.

Donald Meltzer, na década de 1950, deixou os Estados Unidos, foi para a Inglaterra, analisou-se com Melanie Klein, filiou-se à Sociedade Britânica de Psicanálise, e iniciou uma série de seminários e conferências sobre suas observações dos atendimentos infantis, publicados em *O processo psicanalítico* (1967/1971). Nesse livro, descreve as fantasias inconscientes sobre duas espécies de divisão no corpo da mãe – uma horizontal e outra vertical – imaginadas pelo bebê, separando o seio que alimenta e pensa (parte superior do corpo materno, chamada de *seio-latrina*) daquele que recebe as identificações projetivas maciças (parte inferior, chamada de *seio-asseio* ou *cloaca*, que por sua vez

1 Membro efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

está dividida em anterior, a cloaca genital, e posterior, a cloaca anal). Meltzer denominou de *confusões geográficas* as perturbações que derivam dessas fantasias divisórias no corpo da mãe/analista, assinalando que esse mecanismo poderia ser entendido como a matriz das dificuldades, em alguns pacientes, para perceber e diferenciar os espaços entre dentro e fora, as noções de self e objeto, a realidade psíquica e a realidade externa, os sentimentos de bondade e de maldade, as capacidades infantis e adultas.

Ao integrar essas duas leituras, a teoria proposta por Meltzer e os personagens criados por Calvino, associei-os ao meu trabalho analítico, com analisando e em minha análise pessoal, e constatei uma nova dimensão para essa experiência. Reli a coletânea de Calvino (2014) e, de uma entrevista com o autor publicada nesse volume, destaquei o desejo de apresentar *histórias abertas* em busca de um diálogo verdadeiro com os leitores. Sua intenção era ocultar, por trás do rosto dos personagens, os traços de pessoas que viviam à sua volta, imaginando que o leitor também pudesse observá-los em seu próprio entorno. Identificada com essa sugestão, ancorei-me no lugar de observação, não das pessoas ao meu redor, mas das situações vividas no dia a dia de meu trabalho como analista e analisanda. Em determinadas sessões me surgiam as imagens dos personagens que levavam sua vida cindidos e constatava uma espécie de *interação*, um tipo de *identificação projetiva transitória*, entre o que ficara registrado em minha mente (imagens) e o evocado pelas narrativas dos pacientes, influenciando nossa comunicação na sessão. Usava as imagens como metáfora para relacionar-me no campo analítico. Essa interação expandiu-se, os personagens integraram-se a outros, diversificando e personalizando meu vocabulário, compondo um tipo de *interdigitação* entre a leitura dos três textos: o literário, o psicanalítico e o narrativo, lido e vivido nas sessões.

## Interdigitação entre psicanálise e literatura

A psicanálise tem a literatura inserida em sua essência desde os primeiros textos de Freud, que sempre se preocupou em torná-la científica. Todavia, por sua destacada e invejável capacidade de escrita e seu interesse por leituras literárias, produziu textos de qualidade literária, reconhecidos pelo Prêmio Goethe, em 1930, recebendo inclusive indicações para o Nobel de Literatura. Isso se confirma por uma repetida frase atribuída a Freud: “Aonde quer que eu vá, descubro que um poeta esteve lá antes de mim”.

Narrativas literárias e psicanalíticas, apesar de se construírem a partir da mesma natureza (a essência do ser e existir humano) e se diferenciarem na metodologia, enfrentam a difícil tarefa de sondar o enigma da comunicação

dos fenômenos emocionais. Trilling, ao refletir sobre o relacionamento entre a psicanálise e a literatura, ressalta a reciprocidade do alcance de resultados de ambas:

O efeito de Freud sobre a literatura não tem sido maior do que o efeito da literatura sobre Freud. ... A psicanálise é uma das culminâncias da literatura romântica do século 19. No caso de haver uma contradição na ideia de uma ciência elevada sobre os ombros de uma literatura que se declara, de tantas maneiras, inimiga da ciência, essa contradição será resolvida se lembrarmos que essa literatura, apesar de suas declarações, era ela própria científica em pelo menos um sentido, o de ser apaixonadamente devotada a uma pesquisa do interior do self. (2015, pp. 63-64)

Kancyper, no prólogo de seu livro sobre psicanálise e literatura, menciona Brecht: “A arte não é um espelho que reflete a realidade, mas um martelo para dar forma à realidade”, e acrescenta:

A psicanálise, como ciência e como arte, é simultaneamente espelho e martelo que reflete e aporta novas formas e visões às realidades psíquica e externa, erguendo diversas pontes entre ambas. A psicanálise soube nutrir-se das contribuições provenientes da dimensão inconsciente que habita toda a história da literatura. Esta alberga em seu seio certas obras que possuem a condição da arte: não envelhecer. ... A psicanálise requer aguçar a capacidade de escuta da literatura, não pelo que já sabemos, mas por toda a novidade que esta tem a nos proporcionar. (2018, pp. 9-10)

A essa contundente afirmação de Kancyper, “a psicanálise requer aguçar a capacidade de escuta da literatura”, acrescento um comentário crítico de Meltzer sobre o trabalho *Narrativa da análise de uma criança*, de Klein:

A linguagem concisa e às vezes dura de suas teorias e sua preponderante preocupação com a fenomenologia da posição esquizoparanoide contrastam de forma impressionante com o clima emocional e, com certeza, muitas vezes passional de sua relação com Richard, sua preocupação com a vulnerabilidade da beleza do mundo perante a destrutividade de Hitler, e a sua própria destrutividade. (Meltzer & Williams, 1994, p. 47)

Bion, em *Transformações* (1965/2004), nos remete à descrição do caso Dora e enfatiza que Freud nos deixou uma *representação da realização* daquela análise. Ao lê-la, podemos nos aproximar do que foi a experiência emocional de Freud. No entanto, a realização nos será sempre uma incógnita. Nas notas preliminares à apresentação do caso, Freud (1905/1996a) fez um alerta aos

leitores, frisando que se tratava de um *relato pormenorizado* de suas investigações científicas sobre a vida psicosexual de uma jovem, contendo, portanto, revelações sobre segredos íntimos, desejos secretos recalcados que faziam parte da sintomatologia, e por isso necessitavam ser descritos, entendidos e lidos como matéria científica. Freud ressaltou que, “por mais revoltante que possa parecer, sei que alguns médicos preferirão deleitar-se com a leitura como se estivessem lendo um *roman à clef*” (p. 7). Antes, em *Estudos sobre a histeria*, ele já advertira: “Ainda impressiona singularmente que as histórias clínicas que escrevo possam ser lidas como novelas” (Breuer & Freud, 1893-1895/2016, p. 231).

O entendimento do texto freudiano depende do conhecimento e da intenção do leitor, seja ele psicanalista, crítico literário, filósofo ou leitor interessado em literatura erótica. Freud, cauteloso e intuitivo, alertava-nos para o modo de relatar e, principalmente, de ler sua clínica. Não era sua intenção estimular no leitor o gozo frente a um texto erótico. Ao contrário, apresentava seu referencial metapsicológico dos estudos sobre a histeria e os desenvolvimentos subsequentes à técnica psicanalítica.

Bion (1965/2004) usou a advertência de Freud ao introduzir os conceitos de transformações e invariâncias. Afirmou que, ao escrever e também ao ler, existem invariantes, propriedades que identificam as diferentes narrativas: romântica, erótica, pornográfica ou psicanalítica. A transformação dos três meses de análise de Dora em um artigo científico/psicanalítico apresenta invariantes identificadas por um leitor psicanalista. Nesse conjunto de transformações, é tarefa do psicanalista leitor “descobrir quais são as invariantes e qual a natureza do relacionamento que estas invariantes mantêm entre si” (p. 17).

Sintonizo-me com essas ideias, na medida em que biografias narradas por pacientes e revividas no campo analítico representam um leitmotiv à escrita. Histórias originais, únicas, que, ao serem narradas pelo analisando e transcritas pelo analista, passam por sucessivas transformações, conscientes e inconscientes, abandonando o status de *reais*. Ao redigi-las, já não são mais o que foram, mudam de forma, configurando-se em matéria *ficcional*. Ficcionalis, e não *falsas*. Narrativas que encaminham o leitor psicanalítico ao resgate da verdade, revelada pelas invariantes.

Em outra interessante observação sobre a descrição de casos clínicos, Bion resalta que são histórias como outras e que, se contiverem qualidades artísticas, não será um despropósito julgar que seu grau de aproximação à verdade seja superior a uma fiel transcrição de fatos. Ou seja, para Bion, acrescentar qualidade literária à transcrição de fatos psicanalíticos não compromete a verdade do texto – ao contrário.

De volta à literatura, Vargas Llosa, em *A verdade das mentiras*, ao se referir à transformação de fatos reais em ficção, diz:

Os homens não estão contentes com o seu destino, e quase todos – ricos ou pobres, geniais ou medíocres, célebres ou obscuros – gostariam de ter uma vida diferente da que vivem. Para aplacar – trapaceiramente – esse apetite surgiu a ficção. Ela é escrita e lida para que os seres humanos tenham as vidas que não se resignam a não ter. No embrião de todo romance ferve um inconformismo, pulsa um desejo insatisfeito. (2004, p. 15)

Um equivalente psicanalítico para essa afirmação poderia ser: os pacientes que nos buscam o fazem porque estão sofrendo, e quase todos – ricos ou pobres, geniais ou medíocres, célebres ou obscuros – desejam uma vida diferente da que vivem. Para aplacar – neuroticamente – esse apetite surge a possibilidade de re-narrar seu passado, construindo uma co-narrativa a dois para ser reescrita. No embrião de todo relato de uma análise ferve um inconformismo, pulsam desejos insatisfeitos.

## A literatura na mente do analista e a psicanálise na mente do escritor

*As fontes do nosso conhecimento da psicologia individual não se encontram na literatura médica, mas, antes, nas obras literárias e poéticas.*

SÁNDOR FERENCZI

Por que alguns livros nos chamam para releituras? Por que existem textos que, depois de lidos, seguem conosco? Uma história lida, recordada e narrada a dois torna-se um sonho de vigília e assemelha-se a um sonho noturno que, ao ser lembrado e contado na sessão, promove transformações. Voltar a eles, ao texto lido ou ao sonho, é uma busca de novos sentidos, novas representações que se revelam através da linguagem, desenvolvendo um tipo de *narratividade mental* ao serem contadas, favorecendo a formação de pré-concepções, muito mais do que a simples decifração de conteúdos, símbolos e significados apresentados no sonho ou nas imagens formadas a partir da leitura evocativa de vigília.

Kancyper (2018) considera que ler um texto é entrar em sua verdade e deixar a obra agir no interior do leitor, produzindo seus irrefreáveis efeitos. Ricci (2005) acredita que, no ato da leitura, interpõe-se um terceiro elemento de ligação entre o leitor e o texto. Conrad (2009) afirma que apenas a metade de um livro é escrita pelo autor; da outra metade deve ocupar-se o leitor. Eco enfatiza essas ideias: “Todo texto é uma máquina preguiçosa pedindo ao leitor

que faça uma parte de seu trabalho. Que problema seria se um texto tivesse de dizer tudo! ... Não terminaria nunca” (1994, p. 9). Vargas Llosa concorda:

Quando lemos romances, não somos o que somos habitualmente, mas também os seres criados para os quais o romancista nos transporta. Esse traslado é uma metamorfose: o reduto asfixiante que é nossa vida real abre-se e saímos para ser outros, para viver vicariamente experiências que a ficção transforma como nossas. Sonho lúcido e fantasia encarnada, a ficção nos completa – a nós, seres mutilados, a quem foi imposta a atroz dicotomia de ter uma única vida, e os apetites e as fantasias de desejar outras mil. ... Sair de si mesmo, ser outro, ainda que seja ilusoriamente, é uma maneira de ser menos escravo e de experimentar os riscos da liberdade. (2004, p. 15)

Os textos lidos permanecem pelo que acrescentamos projetivamente ao lê-los. Ao ler, encontramos também o que não está escrito, como se fosse uma necessidade, um desejo, um pensamento que surge e não se retém. Quando pensamos tê-lo esquecido, o reencontramos e, ao reencontrá-lo, já nos parece outra coisa. Se tentamos formulá-lo, ele nos leva para outra direção, fios que tecem a rede simbólica de significados e representações construindo a malha mental usada em nosso trabalho psicanalítico. Há um equivalente psicanalítico implícito nessa ideia, pois ao lermos as narrativas verbais e não verbais na sessão encontramos também o que não está ali narrado ou escrito.

Cito uma experiência sobre transformações produzidas a partir da literatura e seus efeitos em meu modo de *tornar-me* psicanalista. Há anos, ao mergulhar na leitura de *Os nossos antepassados*, percebi que aquela narrativa me servia de *continente* para o que estava sentindo e pensando sobre a psicanálise e minha vida naquele momento. Tempos depois, ao atender um paciente, surgiu-me a imagem de um dos personagens de Calvino. Só então alcancei o que havia ocorrido, iniciando a partir de tal experiência a gestação destas ideias. Deixei-me fecundar pelas imagens e narrativas de Calvino, identifiquei-me com as três modalidades de cisão, produzindo *co-narrações transformativas* (Ferro, 2014) em minha análise pessoal, e entendi que se tratava de cisões primitivas *universais*. Essa construção, pouco a pouco, tornou-se útil para entender e trabalhar analiticamente quando encontrava *cavaleiros inexistentes*, *viscondes partidos ao meio* e *barões em árvores*, forçados a se manterem em seus estados cindidos, tornando inacessível o acesso a esses conteúdos.

Ogden (2014) afirma que o encontro fecundo entre psicanálise e literatura mostra o modo pelo qual a mente de um psicanalista é capaz de expandir a leitura de obras literárias. Vice-versa, as leituras literárias abrem perspectivas para a descrição de situações clínicas e para o desenvolvimento de conceitos

psicanalíticos. O autor criou a sigla LPL (leitor psicanalítico de literatura) para destacar a expansão de uma leitura literária por um leitor psicanalista.

O trabalho analítico se enriquece por leituras que estimulam o desenvolvimento da narratividade mental. Integrar a literatura à psicanálise é um meio de transportar símbolos, significados, significantes, através do uso de metáforas, alegorias, poesias. Povoar o espaço interno com personagens fictícios amplia o continente mental e habilita o contato com as partes psicóticas da personalidade. No ato de ler, encontramos um continente/livro que acolhe elementos beta e os transforma em elementos alfa, por meio de uma suposta *função psicanalítica da personalidade daquele que lê*.

Ao considerar a interdigitação entre literatura e psicanálise, imaginei uma seleção de textos literários para serem lidos com os textos psicanalíticos – o estudo de textos psicanalíticos acompanhado por leituras literárias que abordassem o mesmo tema apresentado, com novas invariantes. Qual o efeito dessa interdigitação na formação psicanalítica? Por exemplo, associar o estudo de “Luto e melancolia” (1917/1996b), de Freud, às narrativas de *Altos voos e quedas livres* (2013), de Julian Barnes, *A ridícula ideia de nunca mais te ver* (2013), de Rosa Montero, e *Carta a D.* (2006), de André Gorz, todas elas descrições autobiográficas de romancistas sobre vivências de luto, ampliaria a descrição dos sintomas nas diferentes fases de um luto? Aprofundaria a experiência empática ou intuitiva do analista? Produziria expansões da expressão linguística das emoções, pois são textos de autores treinados para a escrita, que descrevem a própria experiência de transformação da dor pela perda do objeto amado? Relacionar textos literários a textos psicanalíticos ofereceria uma forma singular e criativa para *transformações co-narrativas*, ou *co-narrações transformativas*, no campo analítico, evitando cesuras interpretativas? Seria um analista participante e permeável ao clima emocional, trabalhando em um espaço transicional (o espaço de projeção para os personagens) durante a análise? Traria leveza à descrição de teorias a partir de um vocabulário estético preocupado com a arte e a beleza da narrativa? Para alguns de nós, essas questões podem parecer óbvias. No entanto, no desenvolvimento do artigo, parecem imprescindíveis de serem feitas.

Levy concorda com a premissa:

Muitos de nós pensamos que os candidatos deveriam ter uma carga menor de seminários teóricos e mais contato com as artes plásticas, com a literatura, com o teatro. Esta seria uma forma de ampliar o Vocabulário Estético dos futuros analistas para poderem significar uma gama maior de experiências humanas. (2015, p. 86)

Vários psicanalistas usaram a interdigitação entre textos literários e psicanalíticos. Kancyper (2018) usou contos de Kafka, Camus, Sándor Márai

e Borges para refletir sobre os conflitos fraternos. Ferro (2014), ao dissertar sobre a negação e as capacidades negativas, referiu-se a um conto de Melville, *Bartleby, o escrivão* (1853), usando a conduta do protagonista para ilustrar o termo *paciente como melhor colega*, introduzido por Bion.

Otto Rank, em *A dupla personalidade* (1925/1934), apresentou escritores – alguns deles, seus contemporâneos – que produziram obras sobre a natureza dupla do homem: E. T. A. Hoffmann em “História da imagem perdida” (1815) e “Os duplos” (1821); Alfred de Musset em “A noite de dezembro” (1835); Edgar Allan Poe em “William Wilson” (1839); Nikolai Gógol em “O capote” (1842); Fiódor Dostoiévski em *O duplo* (1846); Hans Christian Andersen em “A sombra” (1847); Robert Louis Stevenson em “Minha sombra” (1885) e *O estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde* (1886); Guy de Maupassant em “O Horla” (1886); e Oscar Wilde em *O retrato de Dorian Gray* (1890).

Ferenczi citou personagens de Henrik Ibsen e Anatole France para ilustrar postulados psicanalíticos. Para ele, esses dois literatos alcançaram os fundamentos da vida psíquica devido a suas *capacidades inspiracionais*, atingindo o que a psicanálise só mais tarde veio a descobrir. Há um interessante ensaio de Ferenczi intitulado “Anatole France, psicanalista”, no qual apresenta trechos de um artigo escrito pelo autor, “Os loucos na literatura”, publicado em um jornal francês em 1887, que diz:

E o que é a loucura, no fim de contas, senão uma espécie de originalidade mental? Digo a loucura e não a demência. A demência é uma perda das faculdades intelectuais. A loucura é apenas um uso bizarro e singular dessas faculdades. (1911/1991, p. 122)

Ao comentar o artigo, Ferenczi diz ser uma luminosa definição e infinitamente mais justa do que as propostas por psiquiatras profissionais ao tentarem explicar as neuroses e psicoses.

Melanie Klein (1955/1996), a partir do romance *Se eu fosse você* (1947), de Julian Green, apresentou o conceito de identificação projetiva. Bion encontrou a expressão *capacidade negativa* em uma carta de John Keats para os irmãos, transformando-a em um termo psicanalítico. Lacan (1966/1998) inspirou-se em “A carta roubada” (1844) de Edgar Allan Poe. Ferro et al. basearam-se em romances policiais para escreverem *Psicoanalisi in giallo: l'analista come detective* [Psicanálise policial: o analista como detetive] (2011), no qual apresentam vários personagens da literatura policial e sugerem que, em psicanálise, desenvolvemos uma espécie de investigação semelhante às imaginadas pelos autores.

## Aproximações clínicas<sup>2</sup>

*A prática da psicanálise é o  
único lugar onde se pode ler gente.*

WILFRED R. BION

Apresento dois fragmentos de análises que, de alguma forma, sugerem a interdigitação com a literatura no desenvolvimento da linguagem dos analisandos.

### A chegada da ternura e da soberba no percurso de Ida

Ida iniciou a análise aos 50 anos. Fala agitada e sem interrupções, vocabulário impregnado de verbos no infinitivo (levar, buscar, organizar, pagar...), sujeito oculto, ausência de personagens e sonhos, e descrições de doenças físicas (gastrites e problemas articulares) fizeram com que eu percebesse sua necessidade de distanciamento através de uma narrativa *funcional, anêmica e adaptativa*. Desde nossos primeiros contatos, o campo impregnara-se com esse afastamento, e eu imaginava haver uma separação entre sua eficiência externa e o vazio interno. Pensei que aquela narrativa era a única possível para aquele período, no qual minha presença, a constância e o acolhimento à escuta das ações e dos sintomas físicos eram mais importantes do que qualquer menção aos sentimentos que ela parecia não ser capaz de vivenciar. Observava o material cindido ser evacuado, por meio da identificação projetiva, para mim e para seu corpo, e refletia sobre os motivos que a conduziam para tão intenso não sentir e não existir. O reflexo das repetidas frases sem sujeito, priorizando o verbo, e sem adjetivos levava-me a cogitar um mundo interno pobre de objetos para se relacionar, sem aparelho para sentir e pensar: “Segunda-feira é dia de fazer agenda... Sexta-feira à tarde, encontrar o grupo para organizar a pauta do evento... Sábado, buscar doces e salgados...”. Além disso, sua indumentária simples e gasta contrastava com a rica formação profissional e a privilegiada condição financeira.

Durante dois anos, sem faltas e sem atrasos, eu a ouvi, sentindo-me muitas vezes triste, entediada, cansada e, em algumas situações, surpresa por invejar sua incansável e perfeita capacidade organizadora. Ida me lembrava um robô cumpridor: nada sentia, tudo fazia. Sempre ocupadíssima com suas duas instituições: a familiar e a empresarial. Não havia tempo nem espaço para sentimentos. Eu estava ali para sentir *por e junto a* ela. No fundo, notava

2 Os fragmentos clínicos aqui apresentados foram devidamente alterados para garantir a confidencialidade dos pacientes.

que, passo a passo, algo acontecia, o desenvolvimento do trabalho através de uma cadeia simbólica no espaço transicional construindo andaimes para a capacidade de pensar (Levy, 2015).

Depois de algum tempo, seu pai morre e ela enfrenta duas batalhas: a guerra judicial entre os irmãos pelo espólio e a guerra em sua própria casa pelo fato de o filho ter tatuado a palavra *sentir* em uma parte bastante visível do corpo. Naquela semana, solicita um horário extra. Pela primeira vez, emociona-se na sessão e pede licença para expressar-se: “Já está vindo de novo... Uma emoção forte... Vou ter que chorar... Não me leva a mal... Vou chorar... Está difícil... Nunca chorei na frente de ninguém... Me desculpa...”. Digo a ela que o pedido escrito no corpo do filho para *sentir* emoções, justo no momento em que ela estava sofrendo perdas difíceis, a deixava assustada, mas o que mais chamava a atenção, naquele momento, era o fato de se desculpar e pedir licença para viver comigo o que sentia. Com ela chorando a perda do pai, vivemos juntas, em silêncio, essas emoções, despertando em mim lembranças de minhas perdas paterna e materna.

Semanas depois, Ida vai para uma curta viagem com o marido e os filhos. Nesse passeio, vive outra experiência de contato consigo mesma. Percebe-se afastada de todos e concentrada apenas em si. Ao retornar da viagem, conta dois sonhos. No primeiro, o pai apareceu, despediu-se e disse-lhe que fosse cuidar da própria vida. No seguinte, encontrava-se em um lugar espaçoso e amplo, invadido por desconhecidos que gritavam e protestavam. Ela reagiu à intromissão do grupo e, com voz decidida, expulsou-os, afirmando que tinham prazo para se retirarem, senão chamaria um representante da lei. Ida acordou assustada com sua autoridade imposta ao grupo, no sonho. Entende os invasores como os integrantes de sua família, que ela, obedecendo à lei paterna, permitira que ocupassem espaços no mundo interno. Lastima o tempo passado ocupando-se com todos, abrindo mão de si mesma, e reconhece que a leitura oficial do testamento do pai representa a sua carta de alforria. Liberta da ordem do pai e do dito de cuidar de toda a família, Ida inicia um novo percurso, agora em busca de si mesma.

Após retornar da viagem, descobre o gosto pela pintura e entra em um curso de aquarela. O filho vai morar no exterior, e ela inicia uma reforma na casa. O marido percebe as mudanças e diz que ela está diferente, às vezes furiosa, às vezes mais tranquila. Ela concorda com ele e me diz:

Virei fera, fui agressiva, mas ele merecia. Decidiu a localização das tomadas e da tv, tudo à altura dele, sem pensar em mim. Preciso forçar meu pescoço para alcançar a visão da tela. Isso não é justo. Já avisei que vou chamar o electricista e mandar baixar, deixar as tomadas e a tv à minha altura.

Entendo essa comunicação como um reconhecimento por eu não ter revelado algumas imagens produzidas pela reverie inicial, que talvez provocassem as contraturas na cervical. Não exagerar na altura da TV analítica. Digo que muitas vezes precisamos de conforto e aconchego para ver imagens na TV, poder ver sem esticar, contraturar e sentir dor no pescoço.

Em outra sessão dessa mesma fase, ela diz: “Ontem à noite consegui ligar para meu filho. Expliquei-lhe com tanta, tanta ternura o que estava acontecendo comigo, que não me reconheci. Ternura? Eu falei a palavra *ternura*? Ternura é uma palavra que não costumo usar”. Faço uma notação para mim mesma sobre esse acréscimo. Algumas semanas depois, ao descrever uma situação com o marido, diz: “Ele é um homem soberbo. Eu falei *soberbo*? Foi essa mesma a palavra que eu disse? Talvez o fato de estar pintando aquarelas esteja mudando meu modo de falar”. Digo a ela que a construção das imagens aquareladas não sobrecarregava o pescoço – ao contrário, parecia estar estimulando a criatividade tanto para pintar quanto para se comunicar comigo.

Percebi que, ao se surpreender com a aquisição de novas palavras, Ida revelava a construção de um *tecido mental/emocional*. Seu mundo interno começava a se colorir a partir das imagens aquareladas e, junto a isso, ocorria a alfabetização de novas e sentidas emoções. Uma construção narrativa edificada em conjunto nas sessões povoava seu vazio interno, um espaço que fora oco de emoções agora era vivificado, com novas palavras para descrever suas conquistas emocionais.

A paciente adquiriu essas palavras do meu vocabulário? Ou seria a colheita de novos brotos semeados por nós duas no campo analítico? Teria ela percebido que eu estava naquele momento *envolvida com o tema da linguagem*, produzindo este texto, e feito um alerta para que a ternura não se transformasse em soberba?

Constatee a sucessão de transformações a partir do trânsito entre identificações projetivas e introjetivas, oscilações entre  $PS \leftrightarrow D$ , flutuações entre  $CN \leftrightarrow FS$ .<sup>3</sup> Através da reverie, superávamos cesuras, integrando ao não humano (o robô cumpridor) a capacidade de sentir, para a realização do vir a ser ela mesma. A análise habilitava sua condição de tornar-se ou vir a ser, fazendo com que ela se interessasse por sua mente e suas emoções.

Um fato interessante da fase em que as sessões eram online foi seu entusiasmo pelo desenvolvimento da linguagem de sua primeira neta. Contou: “Ela brinca com palavras, acrescenta sílabas ao final de uma palavra que já conhece. Por exemplo, dindile, dindili, dindulu... mameme, mamomo, mamumu... papipi, papopo... Uma alegria!”

3 As siglas se referem a *capacidade negativa e fato selecionado*.

### A metamorfose do “em tese seria” para uma emoção genuína

Léo foi encaminhado para análise após um período de psicoterapia cognitiva “muito bem-sucedida”. Colhera progressos na vida profissional. No entanto, todo o retorno financeiro estava comprometido com dívidas, e sua vida afetiva continuava uma sucessão de encontros fortuitos, acompanhados pelo abuso de álcool e drogas e por outras situações de risco.

Em um de nossos primeiros encontros, Léo mencionou *A insustentável leveza do ser* (1984), de Milan Kundera, romance que marcou sua adolescência. Guardara na memória a história do casal, identificava-se com a fragilidade de Tereza e procurava um Tomas que o acolhesse. Ao ouvir isso, lembrei que eu também havia me ocupado por um tempo com a leitura desse livro e, principalmente, com o paradoxo implícito em seu título: algo tão leve que se torna insustentável.

A narrativa de Léo no início da análise oscilava entre discursos filosóficos muito bem articulados, façanhas sexuais aquecidas por drogas e, ao final, um lamento suave sobre a distância autoimposta da família. Uma tarde, ao chegar para a sessão, estando atrasado, não encontrou espaço para estacionar o carro, deixou-o na entrada da garagem do prédio em frente ao consultório e não mencionou o fato. Na sessão seguinte, com uma calma que me pareceu muito exagerada, contou a turbulenta situação. Gritos, ofensas e xingamentos contra ele de alguns moradores revoltados, que acionaram os fiscais de trânsito. Justificava-se dizendo que não entendia a impaciência das pessoas com uma situação tão simples. Parecia não entender o caos provocado pelo bloqueio da entrada e saída de carros, justo no horário de maior trânsito. Desculpou-se com as pessoas pedindo que se acalmassem, deixando-as ainda mais irritadas.

Ao narrar a situação percebi sua sinceridade e um distanciamento das intensas emoções que havia provocado. Assinalei o que percebia e disse: “Parece que, mesmo tendo sido um tumulto, uma rebelião, você se manteve impávido, como se nada tivesse acontecido. Muitas emoções do lado de fora, e você distante, como se não fizesse parte de toda a confusão”. Léo respondeu: “Se fosse para eu sentir algo, em tese seria o quê? Ansiedade? Não sei, realmente não sei”. Naquele momento, não alcancei a relevância do derivado narrativo “em tese seria”. O importante foi que, a partir dessa situação, outras turbulências aconteceram com ele: um assalto à mão armada; um acidente doméstico com fratura de membro; um arrombamento em sua empresa; um despejo do carro por um motorista de táxi em uma rua perigosa, no meio da madrugada; uma suspeita de doença grave. Em todas essas ocorrências, quando eu mencionava sua passividade, ou a incoerente calma e distanciamento do perigo, o derivado narrativo de Léo era: “Se fosse para eu sentir algo, em tese seria...”. A expressão “em tese seria” ecoava sinalizando sua insustentável leveza? Seria essa a forma

de comunicar seu paradoxo existencial? Não sentir significava não existir, e essa era a leveza impossível de sustentar? Não sabia o que sentir, como se, para isso, precisasse de um comando: aqui sentir alegria, ali tristeza, lá raiva – porém nada sentia. Registre essa notação enquanto a análise seguia seu rumo. Léo sofria com as interrupções da análise, e nos fins de semana, algumas vezes, me ligava. Conversávamos por alguns minutos, eu o ouvia e dizia que seguiríamos conversando na sessão de segunda-feira. Construíamos uma relação com um objeto interno presente e constante, pois para mim o “em tese seria” referia-se a uma relação com um objeto interno ainda inexistente.

Depois de algum tempo, em uma sessão de início de semana, Léo conta sobre o proveitoso fim de semana com toda a família, principalmente o encontro com a afilhada. Uma lembrança infantil surge, e ele descreve, com muita emoção, uma cena em que está abraçado ao pai na entrada do maternal, em seu primeiro dia de escola. Estávamos em um momento de muita proximidade, ambos emocionados pela recordação surgida espontaneamente. Enquanto ele se lembrava da sensação protetora daquele abraço paterno, eu percebia como estava sendo difícil para ele reconhecer que o pai, tão odiado, também fora amoroso e protetor. Lembrei-me do primeiro dia de escola de minha filha, ela feliz, e eu, ao contrário, triste pela despedida da fase de menininha e pelo início da fase escolar. Disse então que ele “estava sentindo e me fazendo sentir uma emoção verdadeira ao perceber que dentro dele brotava um sentir profundo e genuíno”. Depois disso, notei que Léo, algumas vezes, usava a palavra *genuíno* quando estava emocionado. Fora eu quem introduzira essa palavra naquele nosso momento de intensa proximidade emocional. Ele havia experimentado um instante de emoção novo, incomum, puro e verdadeiro, uma *emoção genuína*. Essa palavra incorporou-se ao nosso vocabulário emocional. O “em tese seria” transformara-se em uma emoção genuína.

Após essa experiência, surgiram novas narrativas:

Me dei conta de que, em algumas situações, sinto que começo a ter recheio. A primeira foi quando encarei os olhos de Laura e terminei a relação. Mostrei a ela que eu estava sendo verdadeiro comigo e com ela. Não tinha sentido seguirmos juntos só porque era oportuno. A segunda foi quando liguei para o André e disse que não iria na festa de aniversário, porque no fundo nós dois sabíamos que não éramos amigos, apenas saíamos juntos para beber, se drogar e pegar mulher. Não é meu amigo, não sinto a amizade que ele diz que temos. Acho que deixei a polidez e a submissão a que estava acostumado. Se tenho recheio, posso ser quem sou.

Alguns meses depois, decidi mudar o piso da casa, e eu pensei que o recheio precisava de nova cobertura.

Uma última observação sobre Léo. Ele foi fazer uma avaliação física e, ao chegar à sessão, disse:

Recebi a avaliação externa, depois de estar fazendo a minha avaliação interna. Tinha pensado nos objetivos e metas que consegui alcançar, e, pode parecer bobo, mas me senti abraçado pela minha autoavaliação, porque era genuína, vinha lá do fundo. Eu, lá de dentro de mim, me abraçava por ter conseguido vencer vontades impulsivas de me boicotar, me destruir.

Ao escutá-lo, ecoa em mim a importância da polissemia de significados na transmissão dessas palavras. Reconheço que Léo está falando de seu recheio, de uma sustentação construída passo a passo. Dá sinais de suas/nossas transformações a partir da insustentável leveza do “em tese seria” para uma existência genuína.

## Desenlace

*Testis unus, testis nullus* (testemunha única, testemunha nula), um dos princípios do direito romano, transformado em dito popular, diz: “Aquele que só ouve um sino, ouve apenas um som” – uma metáfora útil para refletir sobre a interdigitação entre psicanálise e literatura.

Na criação de seus personagens, Italo Calvino disse dispor apenas de uma imagem que girava em sua mente, vinda de um lugar desconhecido, e que necessitava se desenvolver. À época, refletia sobre o homem dividido ao meio em sentido longitudinal, tendo cada uma das metades vida própria. A inspiração surgira dos pintores que, ao usarem contrastes óbvios de cores, ressaltavam formas e tons. Pensou que contrastes narrativos evidenciariam o binarismo humano e suas consequências, apresentando três diferentes níveis de aproximação da liberdade, aspirando ao homem total. O anseio pela completude em *O visconde partido ao meio*, a busca pelo encontro com o outro através da autodeterminação em *O barão nas árvores* e em *O cavaleiro inexistente*, a importância do desenvolvimento de uma construção interna, e não apenas a obediência rasa e impensada às exigências externas. Calvino desejou que sua trilogia fosse percebida como a árvore genealógica dos antepassados do homem de seu tempo.

Na mesma época em que Calvino refletia e escrevia sobre o homem dividido, Meltzer observava em seus atendimentos infantis e escrevia sobre as fantasias inconscientes das divisões no corpo da mãe.

A leitura psicanalítica da trilogia de Calvino integrada às observações de Meltzer me levou à compreensão de que as três divisões exprimem três

modalidades de cesura, que representam conflitos psíquicos universais que precedem a lógica do pensamento dicotômico – *ou/ou*, *ou* isto *ou* aquilo –, que separa em polos extremos, privilegiando um dos termos e excluindo o outro, impossibilitando a integração. Ao ultrapassar essa lógica binária, surge a possibilidade do *e* – isto *e* aquilo –, um modo que sustenta contradições e paradoxos na tentativa de articular complementaridades. Assim, amor *ou* ódio difere de amor *e* ódio; conhecer *ou* desconhecer difere de conhecer *e* desconhecer.

Encerro com a semente lançada por Calvino, que remete ao nosso fazer psicanalítico:

Minha intenção era combater as divisões do homem, ... porque não existe verdadeira integração humana numa miragem de totalidade ..., e sim num aprofundamento obstinado daquilo que se é, ... numa autoconstrução, ... num código pessoal de regras internas e de renúncias ativas. ... Aquilo que sempre foi e continua sendo o meu verdadeiro tema narrativo: uma pessoa se impõe voluntariamente uma regra difícil e a segue até as últimas consequências, pois sem esta não seria ela mesma nem para si nem para os outros. (2014, p. 12)

### Nuestros antepasados: integrando dos narrativas y ampliando la tercera

Resumen: La autora presenta reflexiones sobre la relevancia de la integración entre narrativas psicoanalíticas y narrativas literarias y la ampliación de sus efectos para la comprensión de las narrativas sentidas y vivenciadas en las sesiones de análisis y en el desarrollo de un vocabulario propio para la comunicación en pareja. Utiliza el término *interdigitación* entre psicoanálisis y literatura, acuñado por Meltzer, para referirse a la integración entre el texto de Meltzer y la trilogía de Italo Calvino *Nuestros antepasados*. En el desarrollo de las ideas, describe dos viñetas clínicas que ilustran algunos puntos abordados a lo largo del texto.

Palabras clave: literatura, psicoanálisis, Italo Calvino, Donald Meltzer, Wilfred Bion

### Our ancestors: integrating two narratives and expanding the third

Abstract: The author presents reflections on the relevance of the integration between psychoanalytic narratives and literary narratives and the expansion of their effects for the understanding of the narratives felt and experienced in the analysis sessions and in the development of a unique vocabulary for the communication of the pair. She uses the term *interdigitation* between psychoanalysis and literature, coined by Meltzer, to refer to the integration between Meltzer's text and the trilogy *Our ancestors* by Italo Calvino. In developing her ideas, she describes two clinical vignettes to illustrate some of the points addressed throughout the text.

Keywords: literature, psychoanalysis, Italo Calvino, Donald Meltzer, Wilfred Bion

## Nos ancêtres : intégrer deux récits et élargir le troisième

Résumé : L'autrice présente des réflexions sur la pertinence de l'intégration entre les récits psychanalytiques et les récits littéraires et l'expansion de leurs effets pour la compréhension des récits ressentis et vécus dans les séances d'analyse et dans le développement d'un vocabulaire unique pour la communication du couple. Elle utilise le terme *interdigitation* entre psychanalyse et littérature, inventé par Meltzer, pour faire référence à l'intégration entre le texte de Meltzer et la trilogie *Nos ancêtres*, d'Italo Calvino. Dans le développement de ses idées, elle décrit deux vignettes cliniques afin d'illustrer certains points abordés tout au long du texte.

Mots-clés : littérature, psychanalyse, Italo Calvino, Donald Meltzer, Wilfred Bion

## Referências

- Bion, W. R. (2004). *Transformações* (P. C. Sandler, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1965)
- Breuer, J. & Freud, S. (2016). Estudos sobre a histeria. In S. Freud, *Obras completas* (L. Barreto, Trad., Vol. 2). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1893-1895)
- Calvino, I. (2014). *Os nossos antepassados* (N. Moulin, Trad.). Companhia de Bolso.
- Conrad, J. (2009). *Fuera de la literatura* (C. M. Muñoz, Trad.). Siruela.
- Eco, U. (1994). *Seis passeios pelos bosques da ficção* (H. Feist, Trad.). Companhia das Letras.
- Ferenczi, S. (1991). Anatole France, psicanalista. In S. Ferenczi, *Obras completas* (A. Cabral, Trad., Vol. 1, pp. 121-128). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1911)
- Ferro, A. (2014). Negação, capacidades negativas e criatividade. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 21(3), 565-585.
- Ferro, A., Civitarese, G., Collovà, M., Foresti, G., Mazzacane, F., Molinari, E. & Politi, P. (2011). *Psicoanalisi in giallo: l'analista come detective*. Conchiglie.
- Freud, S. (1996a). Fragmentos de um caso de histeria. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 7, pp. 3-76). Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (1996b). Luto e melancolia. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 14, pp. 243-263). Imago. (Trabalho original publicado em 1917)
- Freud, S. (1996c). Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: uma conferência. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 3, pp. 15-24). Imago. (Trabalho original publicado em 1893)
- Kancyper, L. (2018). *Ressentimento terminável e interminável: psicanálise e literatura* (E. B. Rossi, Trad.). Blucher.
- Klein, M. (1996). Sobre a identificação. In M. Klein, *Obras completas de Melanie Klein* (B. H. Mandelbaum et al., Trad., Vol. 3, pp. 169-204). Imago. (Trabalho original publicado em 1955)

- Lacan, J. (1998). O seminário sobre “A carta roubada”. In J. Lacan, *Escritos* (V. Ribeiro, Trad., pp. 13-66). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1966)
- Levy, R. (2015). A polifonia da psicanálise contemporânea: as múltiplas linguagens dos homens. In T. S. Candy (Org.), *Dialógos psicanalíticos contemporâneos: o representável e o irrepresentável em André Green e Thomas H. Ogden* (pp. 65-90). Escuta.
- Meltzer, D. (1971). *O processo psicanalítico* (W. I. de Oliveira, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1967)
- Meltzer, D. & Williams, M. H. (1994). *A apreensão do belo: o papel do conflito estético no desenvolvimento, na violência e na arte* (P. C. Sandler, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1988)
- Ogden, T. H. (2014). *Leituras criativas: ensaios sobre obras analíticas seminais* (T. M. Zalcberg, Trad.). Escuta.
- Rank, O. (1934). *A dupla personalidade*. Marisa. (Trabalho original publicado em 1925)
- Ricci, G. (2005). *As cidades de Freud* (E. Aguiar, Trad.). Zahar.
- Trilling, L. (2015). *A imaginação liberal: ensaios sobre a relação entre literatura e sociedade* (C. A. Prada, Trad.). É Realizações.
- Vargas Llosa, M. (2004). *A verdade das mentiras* (C. Magalhães, Trad.). Arx.

Recebido em 24/3/2025, aceito em 26/6/2025

Elena Beatriz Tomasel  
elenatomasel@gmail.com

DOI: 10.69904/0486-641X.v59n4.23